

APRESENTAÇÃO

PABLO QUINTERO¹
EDITOR

Com este novo número da *Espaço Ameríndio*, a revista completa quatorze anos de existência. Para celebrarmos este importante marco, brindamos nossos leitores com a publicação do dossiê intitulado “Agenciamentos indígenas da forma museu”, organizado por José Maurício Arruti. O professor da Universidade Estadual de Campinas tem trabalhado com particular destreza a relação entre processos de subjetivação e representação estético-social, tanto históricos quanto contemporâneos, encravados em dinâmicas de subversão, resistência, reconfiguração, “reoriginalização” (segundo Aníbal Quijano²) ou “restauração” (na acepção de Zulma Palermo³) de imaginários sociais e memórias históricas, tendo as populações indígenas como seus principais protagonistas.

Se historicamente os museus têm sido, junto com outras instâncias e recursos, espaços privilegiados para representar uma “história nacional”, ancorada em meta-narrativas e registros estéticos que privilegiam certos grupos sociais ao mesmo tempo em que esquecem ou subalternizam outros, os artigos que encontramos neste dossiê são em uma amostra da transformação dessas ordens coloniais em novas formas e estratégias de representação/autorrepresentação. Construção de museus autônomos, narrativas históricas alternativas, releituras ou novas formas de expressão estética são só alguns dos temas explorados pelas/os autoras/es, várias/os delas/es indígenas, deste interessante dossiê. Em um momento no qual as representações históricas tradicionais celebratórias da expansão colonialista global – e as suas encarnações na forma de monumentos e estátuas – estão sendo literalmente derrubadas em muitas partes do planeta, inclusive nos próprios “centros” da colonialidade e do capitalismo, este conjunto de artigos não poderia ser publicado em uma ocasião mais oportuna e acertada.

¹ Professor do Departamento de Antropologia e do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, e Coordenador do Núcleo de Antropologia das Sociedades Indígenas e Tradicionais (Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil). E-mail: pablo.quintero@ufrgs.br

² QUIJANO, Aníbal. Colonialidad del poder, cultura y conocimiento en América Latina. *Anuario Mariateguiano*, Vol. IX, No. 9, Lima, 1997.

³ PALERMO, Zulma. *Desde la otra orilla: pensamiento crítico y políticas culturales en América Latina*. Córdoba: Alción, 2005.

No que concerne à antropologia e às demais ciências humanas, este dossiê também chega para cimentar novas formas de imaginação e produção intelectual que, baseadas em uma relação intersubjetiva, explicitam a necessidade de (re)pensar modelos objetificantes das populações indígenas fundamentados em marcos teóricos e categorias conceituais exotizantes. Longe de ajudar na construção de diálogos e trabalhos conjuntos engajados e críticos, tais marcos e categorias terminam por desagregar relações históricas e reproduzir diversas formas de colonialismo intelectual. Neste sentido, boa parte tanto dos artigos que compõem o espaço aberto da revista como dos que integram o dossiê propriamente dito iluminam algumas destas novas formas de produção colaborativa, contando, em alguns casos, inclusive, com a marcante presença da autoria indígena.

Se, por um lado, os quatorze anos da revista denotam imensa satisfação pela trajetória percorrida, por outro, esse aniversário, lamentavelmente, acontece em um dos momentos mais sombrios para América Latina, para o Brasil e para as populações indígenas. Historicamente impedidas de autonomia e tendo que reproduzir cotidianamente a luta pela vida e pelos seus direitos em todo o território brasileiro, estas encontram-se agora no combate em duas frentes de luta: contra o inimigo invisível da pandemia global causada pelo Covid-19 e contra o inimigo visível de um governo declaradamente genocida para o qual não é suficiente apenas a colaboração flagrante com as frentes de expansão capitalista que destroem a natureza e exploram o trabalho indígena, mas que também tenta desmontar os direitos mais fundamentais de acesso à educação, à saúde e à vida dos povos indígenas. Mas erra quem pensa que esses inimigos poderão vencer as populações indígenas ou que estas poderão sucumbir ante tal ignomínia. Pelo contrário: elas resistirão e reexistirão como fazem há milênios. Não há doença ou governo que possa derrotá-las. Apesar dos diversos ataques governamentais e dos estragos que a pandemia começa a fazer nas aldeias e nas regiões urbanizadas, as populações indígenas continuarão de pé, lutando pela resistência, lutando pela transformação.

Estas lutas implicam, também, a geração de novas formas de expressão e de afirmação política, dentre as quais a “forma museu” é só uma manifestação dos tantos espaços políticos para apropriar, transformar e inventar tendo como horizonte o futuro próximo. A imagem cuidadosamente escolhida para ilustrar esta edição, gentilmente cedida pelo artista indígena Denilson Baniwa⁴, portanto, afigura-se como uma verdadeira alegoria do conflituoso panorama há pouco esboçado, ao mesmo tempo em que também tenta ajudar a sinalizar novas conjunções. A manutenção da relevância da *Espaço Ameríndio* está diretamente relacionada com a sensibilidade da publicação em se sintonizar aos novos contextos, caminhos e trajetórias sem abrir mão da usual postura adotada todos estes anos, pautada pela seriedade e pelo comprometimento político e intelectual.

⁴ Para uma aproximação à importante obra do artista oriundo do interior de Rio Negro (AM), alguns dos seus trabalhos mais recentes podem ser vistos no link: <https://www.behance.net/denilsonbaniwa>.

Antes de passar à apresentação dos artigos que compõem o espaço aberto da revista, uma vez que o dossiê é oportunamente apresentado no excelente texto de José Maurício Arruti que abre o número, é preciso mais uma vez reconhecer o trabalho e a dedicação do professor Sérgio Baptista da Silva, fundador e editor da revista por quatorze anos. Nosso agradecimento também se estende ao professor Arruti pelo cuidadoso trabalho na compilação dos textos que formam o dossiê, bem como à fundamental contribuição de todas e todos as/os articulistas deste número. Finalmente, queremos destacar o trabalho editorial de Guilherme Sant’Ana na revisão e diagramação dos textos, bem como em suas demais atribuições no desenvolvimento da revista. Da mesma forma, agradecemos ao publicitário João Henrique Assunção pela confecção desta belíssima capa a partir da obra do excelente artista Denilson Baniwa, a quem somos muito gratos por honrar a nossa revista com a sua instigante releitura da *Gioconda*.

* * *

Completando os nove artigos presentes no dossiê, este número da *Espaço Ameríndio* apresenta um total de sete artigos, um ensaio bibliográfico e quatro resenhas. Embora o conjunto de artigos não seja produto de uma filtragem intencional – dado que tal processo diz respeito ao fluxo normal de recebimento de artigos da revista, com o decorrente procedimento da avaliação por pares às cegas –, curiosamente os textos que seguem ao dossiê complementam, intensificam ou formam interessantes vertentes das discussões que os precedem.

Abrindo esta seção, o artigo de Carina Santos de Almeida *Arte Coussiouar, perspectivas históricas de alteridade e reconhecimento* realiza uma interessante revisão histórica da produção e reprodução das práticas de subjetivação estética do povo Wajâpi, especificamente da arte Coussiouar ou Kusiwa, que foi reconhecida pela Unesco como patrimônio da humanidade. A autora analisa tanto as características centrais da arte Wajâpi, relacionadas ao grafismo corporal, ao xamanismo e à história oral, quanto os processos heterogêneos acontecidos a partir da patrimonialização desta arte indígena.

À continuação, o trabalho de Antônio Augusto Oliveira Gonçalves *“Um lugar pra gente fortalecer aquilo que é nosso”: caminhos dos Pataxó à Gerú Tucunã* descreve e analisa os deslocamentos dos Pataxó no estado de Minas Gerais desde a TI Fazenda Guarani até a TI Açucena. Baseado na literatura etnográfica e nas contribuições da chamada “etnologia das terras baixas sul-americanas” e na sua própria experiência etnográfica, o autor reconstrói trajetórias fundamentais da migração Pataxó ao procurar um novo território de moradia e ocupação.

Na sequência, o artigo *A construção da cidadania dos povos indígenas latino-Americanos a partir do princípio de autodeterminação*, das autoras Raquel Coelho de Freitas, Thaynara Araripe e Adrian Navaéz Moncayo, analisa através do exame bibliográfico e das referências constitucionais, o princípio de autodeterminação dos povos indígenas presente na legislação internacional. O texto representa uma contribuição

importante ao destacar os problemas do conceito jurídico de cidadania e as limitações das ferramentas jurídicas, em geral, para atuar em contextos de desigualdades históricas de longo prazo.

Jaisson Texeira e Lino e Fábio Araújo, por sua vez, apresentam no seu texto *Paisagem em conflito: natureza, reserva ambiental e território indígena em Iraí, RS (século XX)* uma importante revisão historiográfica de fontes documentais que demonstram o longo processo de conflitos territoriais no município de Iraí (RS) durante o século XX. Os autores destacam como a criação de uma representação romantizada da natureza enquanto pristina e imutável tem historicamente ajudado a consolidar a exclusão dos indígenas da posse dos seus territórios, e, ao mesmo tempo, apagado a própria existência dos Kaingangs no município. O artigo é também uma contribuição direta às lutas pela terra dos movimentos Kaingang contemporâneos no Rio Grande do Sul.

Também dentro da antropologia histórica, o trabalho de Paulo Roberto do Canto Lopes, José Guilherme dos Santos Fernandes e Fernando Monteiro da Silva *Povo do mangue: antropização e vestígios arqueológicos na península Odivelense* faz uma importante contribuição para a reconstrução das relações interétnicas pré-colombianas na costa Norte do Pará. Através de uma exaustiva revisão de fontes secundárias, aliada à pesquisa arqueológica e etnográfica, os autores conseguem atualizar e reconstruir a presença humana e suas principais características ecológicas e de organização social, tendo como centro o município de São Caetano de Odivelas (PA). O artigo aponta para a existência de redes de contatos e relações entre os antigos habitantes dos manguezais do Norte do Pará e as populações nativas das Guianas.

Encerrando a seção de artigos, Luz Gonçalves Brito, em seu artigo “*É a prática, a vivência e a caminhada*”: *a experiência do encontro de saberes na Universidade Federal do Rio Grande do Sul*, expõe analiticamente a experiência intercultural da disciplina “encontro de saberes”, que o Departamento de Música da UFRGS oferece desde 2016. A partir do trabalho de campo, do registro das experiências das/os participantes da disciplina e do trabalho documental na leitura dos trabalhos finais da disciplina, a autora reconstrói as premissas e os aportes fundamentais do “Encontro de saberes”, demonstrando sua importância dentro do contexto de pluralização das universidades federais e das ações afirmativas.

Na seção autores indígenas publica-se o artigo em coautoria *Pankararu do Tocantins: história, lutas e identidades de um povo esquecido e sem terra*, de Elvio Juanito Marques de Oliveira Júnior e André Demarchi. Nele, os autores apresentam um estudo de base etnográfica da população Pankararu no estado de Tocantins, analisando as principais trajetórias históricas dos Pankararu, os seus relatos sobre as relações interétnicas, os conflitos centrais e a dimensão ritual, tendo como pano de fundo os deslocamentos do grupo na década de 1970 desde Pernambuco. O trabalho representa uma importante contribuição também ao discutir criticamente a identidade cultural Pankararu diante das transformações contemporâneas e da luta pela demarcação territorial.

Para preencher as arestas temáticas deste número de *Espaço Ameríndio*, publica-se o ensaio bibliográfico de Leif Günewald intitulado *Em torno de uma "antropologia indígena": elementos de uma contra-antropologia*. O texto apresenta uma discussão das transformações atuais na antropologia a partir de pluralização dos programas de pós-graduação em antropologia social no Brasil com o ingresso e a produção cada vez mais presente de estudantes e pesquisadores indígenas. O autor propõe algumas revisões teóricas e conceituais para refletir sobre estas transformações no campo antropológico no Brasil, destacando as potencialidades inéditas que se abrem nestes novos contextos.

Finalmente, encerram o número as resenhas *Raça, branquitude e descolonização: o trabalho de Grada Kilomba*, de Julia Landgraf; *Colonialidade do saber: o tratamento para com a educação das relações étnico-raciais*, de Sindy Gabrielly Holanda Oliveira; *Sistemas agrícolas tradicionais no Brasil*, de João Victor Martins Oliveira Guerra; e, por último, *Os caminhos da identidade: antropologia e história no sertão de Alagoas*, de Brisa Pires Moura.

Como sempre, desejamos uma proveitosa leitura dos textos com a esperança de que possam contribuir à reflexão epistemológica e política dentro de uma conjuntura tão adversa.